



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR • PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRI

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24787

A Festa da Senhora das Preces

Realiza-se no primeiro domingo de JULHO

3 DE JULHO

QUANDO se estudou a mudança da festa da Senhora das Preces, do Domingo do Espírito Santo para o 3.º domingo de Julho, estávamos convencidos de que a festa da Rainha Santa era sempre no segundo domingo de Julho, e por isso se escolheu o terceiro para a festa da Senhora das Preces.

Agora aparece a festa da Rainha Santa no dia da festa da Senhora das Preces — 3.º domingo de Julho — e, segundo consta, pode vir a acontecer mais vezes.

Em virtude desta coincidência, algumas empresas de camionagem escreveram-nos a perguntar se, de facto, a festa da Senhora das Preces se realizaria no dia 17 de Julho, no mesmo dia da Rainha Santa.

A insistência das empresas e a convicção de que tal coincidência prejudicaria não só as empresas de camionagem, mas também o Santuário, levaram-nos a rever o assunto, fazendo uma «sondagem» junto das empresas e para isso enviamos-lhes uma circular, para que nos dessem a sua opinião.

Das respostas recebidas das empresas mais interessadas (e que mais nos interessam) e que representam a Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, e ainda algumas de Lisboa, verificou-se: 1.º que poucas empresas têm carros alugados Para a Senhora das Preces para o dia 17 de Julho; 2.º que todas concordam em que se faça a festa da Senhora das Preces, no primeiro domingo de Julho,



*Virgem Senhora das Preces
Pequenina e airosa,
Vai gente de muito longe,
Para ver tão linda rosa.*

antes da Rainha Santa; 3.º Várias empresas pediram que já este ano se fizesse a festa da Senhora das Preces no primeiro domingo de Julho; 4.º todas concordam em que a festa da Senhora das Preces fique sempre no primeiro domingo de Julho, para não haver coincidência com a Rainha Santa.

Exposto o assunto ao Senhor Arcebispo Bispo de Coimbra, Sua Ex.cia Rev.ma em presença das razões alegadas, concorda em que a festa da Senhora das Preces se fique a fazer, de futuro, no 1.º domingo de Julho».

Nestas condições, visto que todos concordam, fica assente fazer-se já este ano a festa da Senhora das Preces no primeiro domingo de Julho, isto é, no dia 3 de Julho, ou melhor nos dias 2 e 3 de Julho.

A todas as empresas de camionagem e de carros de aluguer já enviámos a confirmação de se fazer a festa nos dias 2 e 3 de Julho e já enviamos prospectos a anunciar a festa.

Esta antecipação da festa do terceiro para o primeiro domingo de Julho, virá contribuir para que muita gente da Beira Baixa possa vir à festa da Senhora das Preces, especialmente dos lados de S. Jorge da Beira, Minas da Panasqueira e da região de Oleiros.

Preparemo-nos, pois, para que a festa da Senhora das Preces tenha cada vez mais afluência de peregrinos, tenha maior brilho e seja para bem das almas e para maior glória de Nossa Senhora das Preces.

O Divino Serão à mesa

Era o fim de um mundo. À porta do Cenáculo, ficou na realidade, o mundo velho. Amanhece o novo no divino serão iniciado naquela serena, dulcíssima tarde do primeiro mês lunar dos judeus, o mês primavera e pascal, o de Nizã. Ao pôr-do-sol, era o início do novo dia judaico, e no caso, podemos dizer, do primeiro dia cristão. A cristandade começou à mesa, a mesa da ceia pascal, de minúcia ritual evocativa da fuga do Egipto e da suspirada, aventureira libertação. Começou numa

comunhão, a primeira comunhão do orbe e da história, a missa nova e a primeira comunhão do Mundo. Uma comunhão que ia ser, para todo o sempre dos séculos e das almas, o sinal de Amor e o penhor da Presença. Uma ceia última e primeira.

Nunca o Mestre se aproximara assim dos discípulos, olhos nos olhos, coração no coração, na

(Continua na página 2)

Sinalização Necessária na Estrada Florestal Onde fica o Piódão?

Uma boa sinalização nos cruzamentos, é um bom serviço que se presta aos automobilistas.

Quem aqui nasceu e por estes caminhos e carreiros tem andado, sabe muito bem onde ficam as povoações. Mas quem não é de cá, ou não vive nestes sítios há muitos anos, e aqueles que desconhecem a região andam desorientados, quando querem procurar a povoação do seu destino.

Ainda há poucas semanas, um automobilista, que já viveu

cá por estes sítios, querendo ir para o Piódão, viu-se grêgo para dar com o ramal dos Penedos Altos, até mesmo porque a entrada desse dito ramal fica quase escondida entre trincheiras.

O único ponto de referência é apenas uma pedra grande que está ao lado da estrada e que os cicerones vão indicando aos interessados.

Seria conveniente e do maior

interesse turístico que à beira da estrada florestal, nos cruzamentos, houvesse umas placas indicativas das respectivas povoações: GRAMAÇA, SOBRAL MAGRO, PIÓDÃO, COLCURINHO, etc.

Os Serviços Florestais que tanto se têm interessado pelos povos, certamente não deixarão de querer prestar um tão útil e tão bom serviço, que é de interesse de todos.

O Divino Serão à Mesa

(Continuação da primeira página)

intimidade de um convívio em que Ele mesmo se deu a cada qual, em corpo e alma, no sublime, divino mistério eucarístico. E nunca se vira assim a Deus tão perto dos homens, nunca o coração de Deus subira assim junto do coração do homem, um deles, o Discípulo Amado, como símbolo e representante colectivo, reclinado no peito do Mestre. Sente-se que Deus esteve ali, na majestade e no amor.

O Pão e o Vinho estão na mesa. À mesa está Jesus, presidindo ao banquete prescrito, dando sentido e realidade à imolação pascal, e cumprimento à figura, à prefiguração contida na passagem do cativo à Terra da Promissão e no rito comemorativo. Cumpram-se as figuras do Velho Testamento, o sacrifício de Isaac, os holocaustos e a imolação do cordeiro. Para sempre, para todo o sempre da cristandade, ficaria à mesa e nela, as apetecíveis espécies do Pão e do Vinho.

Como apraz às almas fiéis, e as comove e consola a perene lembrança da Última Ceia! Antes da hora das trevas, umas

horas de humano e celeste, fraternal e divino convívio. Antes do ódio, o amor. Antes do abandono, a amizade. Antes do agonizado cálice, o êxtase e o milagre dos milagres. Antes da negação, o perdão. Antes dos espinhos, a chuva de rosas do divino amor. Antes do pavor, a fortaleza. Antes da ida para o Pai, a promessa de ficar entre os seus. Nunca Deus escreveu tão direito pelas linhas dos sinais e afectos humanos.

Tudo ia mudar daí a pouco, alta noite, no Lagar de Azeite, donde se avistava a Cidade Santa adormecida, mas de pupilas vigilantes e conjuras decisivas. O ódio não cansa nem sofre de insónias. Nunca Deus escreveria tão direito pelas linhas mais tortas, como as da Paixão, iniciada não no jardim das delícias de Adão e Eva, mas no jardim da agonia.

Antes da Paixão, Jesus quis despedir-se dos seus, de maneira que nunca mais se lhes desluzisse na memória e no coração. E, como lhes disse, desejava deveras comer com eles a última ceia pascal. Em boa hora, tiveram a feliz ideia de convidar o Senhor. Juntou-os, como narram os Evan-

gelhos. A cerimónia ia ter alma, vida, realidade. Observaram-se os ritos, mas ei-los maravilhosamente transfigurados. A velharia aviventa-se em realidade. Palpitam os símbolos e vivem. São agora frémios e relances do coração que mais ama os homens. Tudo podia ter decorrido como cerimónia protocolar, ritual. Jesus, porém, aguardava essa hora, o último serão com os seus, para lhes falar quase em segredo, em confidência, abrindo-lhes de par em par o coração, antes de a misericórdiosa lança do soldado romano o ferir de vez, num gesto de atestado de óbito e misericórdia. Com a ceia, inaugurava a era do amor e da graça. Aproveitou-a para dar a máxima lição de humildade, insistindo em lavar os pés a Pedro e aos mais, como se fosse o último. Na humildade e no amor, os últimos são os primeiros, no Reino, o novo. Finalmente, no serão prolongado, fez a homilia anotada pelo Discípulo Amado, o teólogo da caridade, o fiel notário (como escreve alguém), do divino Amor. Foi o sermão sacerdotal de Jesus, em que se compreendia a revelação do seu desígnio e missão. Ele bastaria para suprir todo o Evangelho, se faltasse. Ele encerra, com voz divina, o banquete pascal, a Última Ceia, num tom que há-de ficar no ouvido, no coração, na fé, esperança e amor dos discípulos. Os de então. Os que se lhes seguiram. Os de hoje e os do fim do mundo novo.

Com o amor, Jesus previne-os para os próximos e futuros

Com o amor, Jesus previne-os para os próximos e futuros desânimos. O amor falado e comunicado com a palavra e confidências. E o amor secreto, escondido na Eucaristia, dádiva da despedida, última lembrança, imortal memória do sacrifício, assombro dos assombros, o milagre mais simples para o poder de Deus e mais conclusivo para a fé dos discípulos.

Naquelas horas iluminadas do Cenáculo, antes das trevas que assomam e vão baixar indelével sobre Jerusalém, naquela mesma noite, daí a pouco, e na sua despedida, Jesus deixa aos seus a sua Presença e o seu mandamento novo: o Amor. O Amor que era o distintivo dos seus discípulos. O amor ecuménico, que ao Pai suplicou fossem «um» — uma só alma, um só coração. Foi no Cenáculo que souu a primeira hora ecuménica. E é o Cenáculo que ainda hoje, após séculos de lastimáveis porfias e discordâncias e azedume, melhor pode congrega todos outra vez à mesa, unindo-os, aproximando-os.

Maria Cecília Sanches Pinto
e Maria da Conceição Laranjeira
China

O mês de Abril

É o mês da alegria cristã: os aleluias nos templos, Cristo resuscitado nas almas, e conduzido em procissão a todos os lugares para neles derramar as suas bênçãos.

Tudo clareia depois da longa penitência da Quaresma: aos corações vem enchê-los Jesus na santa comunhão da Páscoa; passeia as ruas e caminhos e vem a nossas casas de visita, o Salvador...

Que rumorejar de alegrias não se nos mete pelas portas dentro!...

E aquele olhar de Jesus, aquele seu olhar divino penetrava fundo nas almas e as encandescia em amor de Deus, aquele olhar que era suave remédio para os corpos doentes, consolação para as almas aflitas, poisa também em nossos corações, entra em nossos lares e fica connosco o ano inteiro a ser o nosso alento, a esperança nas aflições da vida, o reconforto para os nossos corpos martirizados nas lides do trabalho...

Bendito Jesus que no meio das alegrias de Abril, é a nossa vida, a alegria que nos povoa o lar!

Que admira, pois, que nos encha o coração de entusiasmo parecido ao que arrastava após Ele, o Salvador, os povos de Israel maravilhados do seu bem-fazer, e nos atiremos também

a cantar aleluias, atrás dele quando em domingo de Páscoa, depois de nos visitar, recolhe a sua casa, as igrejas das nossas terras?

* * *

Abril tira o nome de *aperire*, abrir, é o mês em que a natureza inteira se abre em risos de promessa criadora. Baptizaram-no assim os romanos nos seus bons tempos de simples lavradores, contentes diante de tanta alegria a brotar, em caudais, do seio da natureza que passara o Inverno adormecida.

E o contentamento transformavam-no eles num trabalho assíduo dos campos em promessas. Tudo eram cuidados para que não ficassem frustrados aqueles risos de esperança, mas se transformassem em frutos, lhes enchessem as tulhas, os celeiros, para o aconchego do lar nos dias tristes do Outono e do Inverno. E por isso não havia deus a quem, por esta ocasião, não impetrassem bênçãos para as messes. Até à ferrugem que esteriliza os trigos, até a essa terrível inimiga que podia andar à espreita das searas em flor, até a essa iam, pelos campos, a pedir clemência...

Pelos caminhos errados do paganismo, davam-nos exemplos de piedade os nossos bons pais latinos! Quando no S. Marcos levamos por vales e outeiros os nossos cantos e preces de ladainhas, é ainda a sua piedade que nós revivemos, embora dirigida ao Deus verdadeiro que eles, tristes, desconheciam, o Deus que tem nas suas mãos as calamidades para as debelar e as bonanças para no-las distribuir.

* * *

ADÁGIOS DE ABRIL

Em Abril águas mil.

Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.

Anedota

— O que é que aí andam a fazer?

— É um cemitério.

— E para que são esse muros?

— É para o resguardar.

— É despesa desnecessária, senhores, porque os mortos não podem sair de lá, e os vivos não querem ir para lá.

Condições de assinatura por um ano

A «Voz do Santuário» que se publica uma vez por mês tem duas categorias de assinantes:

Simple assinantes . . 10\$00

Assinantes benfeitores 20\$00

Para o estrangeiro . . 20\$00

Leia, Assine e Propague

«Voz do Santuário»

Nossa Senhora dos Caminhos

ALDEIA
DAS DEZ

A todos os que se interessam pela sua terra natal, aos que a ela estejam ligados por laços de família ou amizade, é dirigida esta carta:

Aproveitando uma campanha lançada há já alguns anos pela Mocidade Portuguesa, vão as Escolas de Aldeia das Dez erigir um nicho a Nossa Senhora dos Caminhos, no cruzamento do lugar do Souto Marinho. Tem este o alto significado de proteger o viandante nos caminhos da Vida e também o embelezamento desta tão linda terra.

O primeiro impulso está dado: o começo. Resta agora a ajuda para a realização da obra. Esse auxílio dependerá do interesse e das possibilidades de cada um.

Contamos com a boa vontade já manifestada pelos pedreiros da terra e temos em nosso poder a imagem de Nossa Senhora, de 85 centímetros de altura, em granito e o nicho para ela será feito na mesma pedra, visto ser a riqueza natural da nossa região.

Vai realizar-se uma récita com os alunos das escolas, marcada para o dia 24 de Abril, sendo o lucro desta para o mesmo fim.

Poderão sugerir novas ideias e podem contar com o interesse das professoras que ficam à espera da generosa resolução de todos a bem da vossa terra.

DIZEM VELHOS MANUSCRITOS

O Edital de publicação do Breve de Indulgências, a que se refere o Sr. Coronel Diamantino Amaral, nos seus muito apreciados artigos, aqui publicados, encontra-se na Igreja da Senhora das Preces, em exposição permanente ao público, encaixilhado em rica moldura e envidraçado.

Está fixo na parede em frente do púlpito, para que todas as pessoas o possam ler, ou de qualquer forma tomarem conhecimento das graças concedidas pelo Santo Padre a todos os peregrinos que visitassem a igreja da Senhora das Preces.

É para ganhar as ditas indulgências que muitas pessoas, por ocasião da festa, se confessam e comungam na Senhora das Preces.

Para ganhar as indulgências, não é obrigatório confessar-se na Senhora das Preces, pode fazer-se cada um nas suas terras. O que é obrigatório é visitar a igreja da Senhora das Preces e ali rezarem a Deus pela paz, pela extirpação das heresias e pela exaltação da Santa Igreja.

Os peregrinos e fieis devotos de Nossa Senhora não devem perder tão oportuna ocasião de enriquecer as suas almas com tão grandes graças e por isso por ocasião da festa devem procurar comungar na igreja da Senhora das Preces e ali rezarem segundo as intenções do Santo Padre.

ANEDOTAS

— Um avarento, certa manhã, ao acordar, reparou que a mulher estava morta. Saltou da cama e correu aflito à cozinha.

— Maria! Maria!

— O que aconteceu, sr. Joaquim?

— Já fizeste as torradas e o café?

— Ainda não senhor.

— Então faz só para mim; a senhora morreu...

= + =

Um saloio vai tirar um dente: O dentista examina e julga indispensável cloroformizá-lo.

— Vai-me fazer dormir?

— perguntou o saloio.

— Vou.

O saloio tira o dinheiro da algibeira.

— Não é necessário — diz-lhe o dentista. — Paga depois.

— Não é isso — replica o homem — eu o que vou, antes de adormecer, é contar o dinheiro que tenho.

ALDEIA DAS DEZ

Visita Pastoral — Está marcada para o dia primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, a Visita Pastoral do Senhor Bispo de Coimbra, a esta freguesia de Aldeia das Dez.

Certamente será feita pelo Ex.^{mo} Senhor D. Francisco Rendeiro, Venerando Bispo Coadjuutor de Coimbra.

É preciso que a sua vinda a esta freguesia seja assinalada por uma recepção condigna e para isso é necessário prepararmos as nossas almas, os nossos corações, e o mais que for preciso e que depois se dirá.

Catequese — Lembramos mais uma vez a todas as famílias, a necessidade de mandarem as suas crianças à doutrina.

Se os pais se descuidam e não se lembram da grande responsabilidade que têm, não podemos de forma alguma preparar devidamente as crianças.

Falecimentos — No dia 10 de Março, no lugar de Aldeia das Dez, faleceu a Sr.^a Irene Olímpia de Figueiredo Dinis, de 47 anos de idade, casada com o Sr. António da Cruz Diogo, resineiro, e filha de José Gomes de Figueiredo e de Adelaide Dinis.

— No dia 2 de Abril também no lugar de Aldeia das Dez faleceu a Senhora Maria dos Santos Dinis, de 82 anos de idade, viúva do Sr. Francisco Formigo da Silva.

Assinaturas pagas da VOZ DO SANTUÁRIO durante o mês de Março

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

António dos Santos Moraes, S. Gião

João Nunes Fontes, Alvoco de Várzeas.

António Gertrudes, Aldeia das Dez.

Joaquim Ribeiro, Pomares.

D. Maria da Piedade Castanheira, Pomares.

D. Celeste de Jesus Carvalho, Pomares.

José Teixeira Pereira, Lisboa.

Manuel Lourenço Fernandes Martins, Goulinho.

D. Soledade Assunção Gouveia Pais, Coimbra.

José Francisco Marques, Lisboa.

D. Maria da Conceição Gonçalves, Lisboa.

D. Maria dos Santos Gonçalves, Lisboa.

D. Dolores Ferreira Dinis, Aldeia das Dez.

D. Maria Aurora da Fonseca Moreira, Lamego.

António Adrião, Torno-Piódão.

Com 11\$00 pagou o Sr. Francisco Gomes, de Aldeia das Dez.

Com 12\$50 pagou o Sr. Manuel Pinheiro dos Santos, de Aldeia das Dez.

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Prof. Jerónimo Sanches, Avô.

António Luís Dias, de Vale de Maceira.

Arménio Dias, Avô.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

António Marques da Cruz, Alhandra.

Albino Alves da Silva, Lisboa.

D. Ana Isabel dos Santos Marques Castanheira, Lisboa.

D. Guilhermina Pacheco, Torres Vedras.

Augusto Diniz, Covilhã.

D. Maria da Glória Nogueira, Sargaçosa.

António Lucas, Coimbra.

D. Ofélia Silvestre Madeira, Barril d'Alva.

D. Emília Silvestre Gonçalves, Barril d'Alva.

Serafim da Fonseca Morgado, Lisboa.

Vasco da Silva Costa, Alhandra.

D. Maria da Natividade, S. Sebastião da Feira.

D. Arminda Afonso, S. Sebastião da Feira.

Francisco Pinto Pizarro, Gouvinhos, Vilar de Maçada.

Com 30\$00 pagou o Sr.^a D. Irene Planas, Coimbra.

Com 40\$00 o Sr. Manuel Marques, Lisboa.

Com 50\$00 a Sr.^a D. Jesuína Nunes de Brito, Porto.

E mais nada, de mais ninguém e nós sem vintém...

Há muitos assinantes que estão esquecidos e por causa disso e deles, estamos preocupados e embaraçados e endividados, porque a conta da tipografia sobe, sobe, sobe... e a gente sem lhe poder acudir, porque muitos não me querem acudir, nem ouvir.

Ó vós todos que passais, pela alma dos vossos pais, vede lá se me ajudais.

A NOSSA ESTRADA DA PONTE A VALE DE MACEIRA

Eu tenho de fazer o propósito de não voltar a sair desta pobre Aldeia que eu teimo em chamar das dez maravilhas e a força do destino teima em destiná-la para as dez amarguras. Aldeia até é pobre de quem se interesse por ela — os pequenos não podem, os grandes não querem... não lhes interessa.

Pois quando se vai por essas terras de Portugal além, quando percorremos essas boas estradas, onde os carros deslizam veloz e suavemente, sobre tapetes de asfalto, quando vemos esses Santuários privilegiados, servidos por magníficas estradas, ficamos com pena de a nossa estrada não ser assim também, de o nosso Santuário não ser do número dos privilegiados e a gente regressa triste e desconsolado a este canto da Beira que Deus abençoou, que a natureza embelezou e que os grandes senhores teimam em desprezar, ou pelo menos esquecer.

Os motoristas já me conhecem. — Ó senhor Prior então a estrada já está arranjada?

— Isso sim!... Lá andam a tapar buracos, mas depois aparecem outros!

— Olhe que aquela estrada já não é para o século xx, nem para o movimento de hoje.

— Pois não, amigo! Isso ando eu a dizer a toda a gente, mas o que eu digo não sobe as escadas dos ministérios. É preciso que alguém ponha o assunto a andar.

— Ó senhor Prior, então fazem estradas para sítios que não têm interesse algum; há por País além tantas e tão boas estradas, só para cá é que ninguém se lembra...

— Bem vê, amigo, aquilo é estrada camarária e as Câmaras não têm dinheiro, dizem...

— Está bem, concordo com isso. Mas se as Câmaras não têm dinheiro, é entregá-la ao ministério das Obras Públicas. Essa tem dinheiro quanto quer. Se não, veja quantos milhares e milhares de contos, todos os dias vêm nos jornais para melhoramentos, por todo o País.

— Lá isso é verdade, mas que lhe hei-de eu fazer?!

— Olhe, pelo menos peça à Câmara, peça ao ministro, agarre-se aos amigos, porque a Senhora das Preces bem precisa e bem merece uma boa estrada.

— Isso digo eu e toda a gente o vê e reconhece, menos quem tem o poder e o mando.

Há dias veio nos jornais que este ano vão ser inaugurados mais de sete mil e quinhentos melhoramentos em todo o país e que custaram mais de oito milhões de contos.

Está tudo muito bem, só é pena que a estrada da Ponte à Senhora das Preces, não seja um desses melhoramentos. Não é, e sabe Deus quando será; mas se não vai, não é por falta de dinheiro. Oito milhões de contos é muito dinheiro gasto. E o que estará por gastar?

É preciso valorizar a nossa região, tão linda, tão encantadora, mas precisa de boas estradas, ou melhor, precisa de quem se interesse por ela, porque tudo o mais virá.

S. SEBASTIÃO DA FEIRA

Baptismo — No dia 27 de Fevereiro, Carlos José, filho de José Matias da Fonseca e Otília de Jesus Ferrão.

Aplauso — É digno de menção, o terem colocado uma placa na Ponte a indicar a sede de freguesia. Aos promotores, o nosso aplauso, digno de registo.

ALVOCO das Várzeas

Baptismos — No dia 1 de Janeiro, Victor Manuel, filho de Mário da Silva Nunes e Maria da Assunção Lopes Ferreira.

No dia 13 de Março, Jorge Manuel, filho de António Gouveia Pais e Maria do Rosário da Silva Gouveia Pais.

Casamento — No dia 22 de Janeiro, José Maria Martins da Silva e Ilda de Jesus dos Santos Teixeira. Ao novo lar as maiores prosperidades

Falecimento — No dia 27 de Fevereiro, faleceu após prolongado sofrimento, Francisco Gouveia Janeiro, casado com Germana Guilherme. Paz à sua alma.

Igreja Paroquial — Como já noticiámos, a nossa igreja precisa de um arranjo não só exterior, mas também interior. Causa má impressão, logo que se avista Alvoco, a cor pardacenta daquela casa por onde todos passaram. Contamos com a boa vontade de todos para resolvermos este problema, ficando desde já agradecidos e desejando também uma Páscoa feliz.

ASSIM VAI A NOSSA ASSISTÊNCIA

O PATRONATO E A CRECHE FAZEM ANOS

Foi a 28 de Abril de 1952, que ali, numa casa de renda perto da igreja paroquial, começou a obra de Assistência. Nesse ano, o 28 de Abril era um domingo, dia do Bom Pastor.

Na Igreja benzeu-se um quadro do Sagrado Coração de Jesus que depois foi levado em procissão e colocado na sala de trabalho. Ele é o padroeiro da obra, é o protector, ou melhor é o dono.

Foi Ele — o Coração de Jesus — que disse que havia de abençoar todas as casas e todas as empresas onde estivesse exposto e venerado o seu Sagrado Coração.

Fiado na sua promessa e seguro da sua palavra o Patronato, e toda a obra de Assistência, foi colocado debaixo da sua protecção.

A 28 de Abril faz 14 anos que começou o Patronato tendo por mestra a Eduardinha Marques da Fonseca, que com tanto entusiasmo começou e que a morte tão cedo nos levou, pois apenas esteve ao serviço uns quatro ou cinco meses.

Depois dela várias mestras tomaram o seu lugar e o Patronato há 14 anos que todos os dias abre as suas portas.

Durante estes 14 anos construiu-se um edifício que não ficava mal em qualquer vila, entrou em funcionamento o Posto Médico, e em Abril de 1960 entrou em funcionamento a Creche que tantos benefícios está a prestar às famílias e que tanto bem está a fazer às crianças. Presentemente está a construir-se uma casa para melhor instalação das crianças do Patronato.

Quer dizer, desde o dia em que se começou (há 14 anos) ainda se não parou.

Isto é um milagre permanente da protecção do Coração de Jesus e da generosidade de muitos amigos e benfeitores.

Uma obra destas, numa terra pobre como Aldeia, é na verdade incompreensível para muitos, e espanto para alguns.

Aldeia das Dez costuma ser *fria* no inverno e *seca* no verão e isso deve ter influência na generosidade de muitas famílias. Umas nunca quizeram ajudar, outras fecham a porta quando a gente passa, outras começaram e deixaram, outras dão... como quem quer tirar um cão da porta e poucas são aquelas que, com devoção e carinho, ajudam uma obra que honra a terra de Aldeia e que tanto contribue para a felicidade das crianças.

Mas a gente não desanima. Vai esperando que o gelo dos corações vá derretendo.

É verdade que uma nova luz brilha no céu de Aldeia: despontou uma aurora de esperança para os pobres e para as crianças da nossa Aldeia.

Deus queira que ninguém feche os olhos... para não fecharem os corações.

A Creche começou em Abril de 1960 — há, portanto, seis anos que está a funcionar.

O que ela é, o que ela tem sido, o bem que ela está a fazer, sejam as mães a dizê-lo, porque são elas a vê-lo, a senti-lo e a reconhecê-lo.

Presentemente, temos na Creche cerca de quarenta crianças. A nossa casa abre todos os dias às 8 horas e fecha ao pôr do sol.

As mães, depois das oito horas, vão pôr os seus filhos na Creche, sem se encomodarem mais com eles. Ali comem, brincam todo o dia. Os bebés passam o dia nos seus berços. Ali são alimentados, vigiados e acarinhados.

Quando as crianças adoecem, as mães vão à farmácia buscar os remédios, mas não lhes pedem dinheiro. As receitas levam a marca da casa. As contas somos nós a pagar. Se não fosse assim, é certo e sabido que muitas vidas ficariam pelo caminho.

A Creche existe precisamente para proteger as crianças, para dar saúde e alegria, às crianças da nossa freguesia.

Nestes seis anos de vida da Creche já se gastaram algumas dezenas de contos, mas, bendito seja Deus, as almas generosas têm vindo em nosso auxílio, com a sua ajuda, com o seu carinho e com a sua amizade.

Amigos, vós todos que sois da terra de Aldeia das Dez.

Neste dia de anos da nossa Assistência, eu quero:

1.º — Agradecer ao Coração de Jesus o ter-me metido no coração a ideia de fundar a Assistência, especialmente a Creche e agradecer-lhe o milagre permanente da sua benção e da sua protecção.

2.º — Agradecer a todas as Entidades Oficiais, todo o seu amparo e ajudá com os subsídios que nos têm concedido: Direcção

Alino Pascal

*Que os cristãos cantem louvor,
Na Páscoa do Redentor
Jesus divino Cordeiro,
Morrendo deu-nos para sempre
Paz com Deus omnipotente,
Remiu o rebanho inteiro.*

*Combateram vida e morte,
Venceu a vida; que sorte!
Num duelo sem igual.
Teve a vitória suprema
O capitão da vida eterna,
Jesus, a Vitima Pascal.*

*Diz-nos Maria o que viste,
Conta bem o que sentiste,
Nesta Manhã triunfal.
Vi os anjos de alvor celeste,
E o sudário que foi veste
De Jesus, vivo imortal.*

*Vi o túmulo aberto,
Vi o Senhor muito perto.
Está vivo e glorioso.
Vi a mortalha dobrada,
À luz de nova alvorada
Deste dia o mais formoso.*

*Cristo ressuscitou.
E nova esperança firmou,
Ficando a Fé bem cumprida.
Ele segue à nossa frente,
Abrindo para todo o sempre,
Novos caminhos à vida.*

*Foi aos mortos e já veio.
Conheceu da morte o seio:
E fez para nós este dia.
Ó Rei da grande Vitória
Dai-nos a Misericórdia
Para sempre. Alleluia.*

T A X A MILITAR

Lembramos aos interessados que é nos meses de Abril e Maio que se paga a **TAXA MILITAR**. Não se esqueçam de que depois é paga em dobro. Pagar nos meses indicados, é poupar tempo e trabalhos.

Geral de Assistência, Instituto de Assistência aos Menores e Instituto Maternal.

3.º — Agradecer de todo o coração a todos os nossos amigos e benfeitores todo o seu carinho, a sua simpatia e a sua generosidade para a obra das crianças. E, sem desprimor para ninguém, seja-me permitido destacar três nomes: o Sr. Dr. Vasco de Campos, grande amigo de Aldeia e das crianças; o Sr. Manuel Rodrigues Lagos, amigo pessoal já de há muitos anos; e sua Ex.cia o Sr. Conde da Covilhã.

4.º — A todos os filhos de Aldeia, onde quer que vivam, a todas as famílias de Aldeia que tenham posses, teres e haveres, eu quero pedir, por amor das crianças e para as crianças, um pouco de compreensão e a generosidade do seu coração..

E, com isto, vamos continuar, enquanto Deus quizer e a vida deixar.

A Ressurreição de JESUS é o fundamento da Nossa Fé

Os inimigos de Jesus que tanto lidaram e tanto se esforçaram por lhe deitarem a mão, ao verem-no pregado na cruz, esfregavam as mãos de contentes, por finalmente se verem livres daquele que tanta sombra lhes fazia, tantos remorsos lhes causava e tanto os incomodava.

Mas, pelos vistos, o seu sossego não era completo: nos seus corações cheios de rancor e de ódio, havia ainda algum receio, porque mesmo depois de o verem metido no sepulcro e de lhe porem uma enorme pedra em cima, ainda foram pedir a Pilatos que mandasse soldados guardar e vigiar o sepulcro.

Os soldados foram; lá estiveram de dia e de noite e por disposição de Deus, foram as primeiras testemunhas do maior milagre de Jesus — a sua gloriosa Ressurreição.

Chegada a hora marcada por Deus, Jesus, pelo seu próprio poder, sai do sepulcro, glorioso e triunfante, para nunca mais morrer. Ele tinha dito que ao terceiro dia havia de ressuscitar e assim foi:

Os soldados, espantados e atemorizados, correm a Jerusalém a dar a notícia; Jesus entretanto apareceu a sua Mãe, à Madalena, aos Apóstolos e a grande nova corre de boca em boca, espalha-se por toda a parte, galga fronteiras e enche todo o Mundo de luz, e de esperança redentora.

* * *

A glorificação de Cristo, suprema evidência do amor do Pai para com Jesus, significa que onde Jesus antes estava triste, é agora feliz e alegre; onde antes estava sujeito à dor, possui agora um gozo divino; onde antes podia ser atingido pela morte, tem agora o poder de a destruir completamente. O cristão alegra-se com o mistério da glorificação de Cristo. Esta alegria é um acto de fé, de adora-

ção, realizando voluntariamente o que toda a Criação terá de fazer mais tarde: proclamar que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai! Toda a nossa religião está marcada pela Ressurreição do Senhor! Assim a nossa fé é encontro com o Senhor Ressuscitado; a nossa esperança confiança inspirada definitivamente na Ressurreição do Senhor; a nossa caridade é sempre um diálogo com o Senhor Ressuscitado. Os sacramentos marcam-nos com o carácter do Senhor da Ressurreição são sempre um encontro com o Senhor Ressuscitado. A presença viva na Igreja é a presença do Senhor no mistério da Sua Ressurreição. Os cristãos são um povo pascal que caminha com Cristo Ressuscitado ao encontro definitivo e fulgurante do Pai. Alegrem-nos com a Ressurreição do Senhor e levemos ao Mundo, à semelhança de Madalena na madrugada da Páscoa do Senhor a mensagem da vitória, da alegria, da glória!

TELEFONE DA GRAMAÇA

A propósito do que escrevemos na *Voz do Santuário*, sobre o telefone da Gramaça, recebemos um ofício da Circunscrição Técnica de Coimbra, dizendo o seguinte:

«A requisição do Posto Público da Gramaça foi feita em 28 de Janeiro de 1965 e deu entrada no Centro do Comando de Conservação de Arganil em 4 de Fevereiro.

Foi pelo referido Centro do Comando feito o expediente imediato e, daí para diante, tudo ficou dependente da autorização dada pelo Correio Mór para a sua criação. Sem esta não podemos diligenciar mais nada, limitando-nos apenas a aguardar a publicação da Portaria da criação.»

Pronto. Nada mais temos a fazer, se não esperar, e não deixar esquecer.

ANEDOTA

Uma ama de leite, apresentando a criança recém-nascida ao avô, sujeito calvo e que não tinha um único dente, disse, para o lisonjear:

— Como se parece com o senhor! O netinho é o vivo retrato do avô...

... Parece-lhe, ama? — perguntou o velho todo baboso.

— Certamente! Olhe, não tem cabelo, nem dentes, tal como V. Ex.ª.